



CENTRO UNIVERSITARIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS - FATECS

PRISCILA MIRANDA PIETSCHMANN

RA: 211616/05

O 7 a 1 NAS PALAVRAS DA MÍDIA

Análise de reportagens sobre derrota do Brasil na Copa de 2014

BRASÍLIA
2015

PRISCILA MIRANDA PIETSCHMANN

RA: 211616/05

O 7 a 1 NAS PALAVRAS DA MÍDIA

Análise de reportagens sobre derrota do Brasil na Copa de 2014

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientador: Professor Luiz Cláudio Ferreira

**BRASÍLIA
2015**

PRISCILA MIRANDA PIETSCHMANN - RA: 211616/05

O 7 a 1 NAS PALAVRAS DA MÍDIA

Análise de reportagens sobre derrota do Brasil na Copa de 2014

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

BRASÍLIA, 27 DE NOVEMBRO, DE 2015

Banca Examinadora

Prof. Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Prof. Bruno Nalon
Examinador

Prof. Lourenço Cardoso
Examinador

BRASÍLIA
2015

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar conteúdos jornalísticos publicados em quatro portais da internet, IG, O Globo, Terra e UOL em relação às publicações do dia em que o Brasil perdeu a semifinal da Copa do Mundo de 2014 para a Alemanha por 7x1. Para isso, foram separadas as reportagens e através de uma análise de discurso vamos tentar compreender e decifrar alguns termos e expressões utilizados pelos jornalistas nessas matérias. Os principais adjetivos, advérbios e uso de juízo de valor estão presentes nesta avaliação. As reportagens analisadas foram veiculadas no dia oito de julho de 2014.

Palavras-chave: Futebol. Copa do Mundo. Jornalismo. Reportagem. Internet. Seleção.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 OBJETIVIDADE E IMPARCIALIDADE NO JORNALISMO	9
1.1 IMPARCIALIDADE E JORNALISMO ESPORTIVO.....	11
2 MÍDIA E ESPORTE	14
3 JORNALISMO ESPORTIVO	19
4 JORNALISMO ONLINE – “Vale a velocidade da informação ou o Critério jornalístico?”	22
5 MÉTODO	26
5.1 ANÁLISE DE DISCURSO.....	26
5.2 PROCEDIMENTOS.....	27
6 ANÁLISE DAS MATÉRIAS PUBLICADAS	29
CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
ANEXOS	41
<i>ANEXO 1</i>	41
<i>ANEXO 2</i>	43
<i>ANEXO 3</i>	46
<i>ANEXO 4</i>	49

INTRODUÇÃO

Vexame, vergonha, desonra, humilhação.... Essas foram algumas das palavras mais utilizadas pelos portais IG, O Globo, Terra e UOL, após a cobertura do fatídico jogo em que o Brasil foi eliminado da Copa do Mundo dentro de casa para a Alemanha por 7 a 1. No dia seguinte àquela terça-feira essas páginas da web tentaram descrever o sentimento de toda uma nação que sofreu com a derrota da seleção. Mas será que esses títulos e manchetes realmente retrataram o que o Brasil sentiu naquele dia?

Naquele inesquecível dia para o futebol brasileiro, o jornalista e apresentador de televisão, Juca Kfourri escreveu em seu blog no portal da UOL, “Inacreditável, o futebol brasileiro foi reduzido a pó”, logo após a derrota da seleção brasileira. Não importa a quão temida e vencedora era aquela seleção, ela conseguiu simplesmente tornar-se pó da noite para o dia. E o motivo? Um jogo de futebol. Sim, 90 minutos separavam aquele respeitado time pentacampeão do mundo, do “maior vexame histórico do futebol”.

O dia 8 de julho de 2014 não significou apenas uma derrota em um jogo, mas sim, a mudança de abordagem das grandes mídias e como elas são capazes de influenciar e determinar os sentimentos de leitores, ouvintes e telespectadores. E Kfourri não foi o único que tentou explicar e descrever o sentimento de cada brasileiro, apaixonado ou não por futebol.

O objetivo geral deste trabalho de conclusão de curso é fazer uma análise de reportagens publicadas por portais um dia após a eliminação do Brasil para a Alemanha na Copa do Mundo de 2014, a fim de verificar as ligações discursivas feitas que atribuem novo sentido a uma competição esportiva. A avaliação do material pesquisado consiste em verificar a parcialidade, as abordagens e suas tendências, bem como a influência do pensamento dos jornalistas no texto.

Está inclusa na justificativa deste trabalho a informação de que a Copa do Mundo foi um evento ultra mediatizado. Uma das principais patrocinadoras da Copa do Mundo no Brasil, a empresa de telefonia móvel (OI), revelou após o Mundial que

o evento esportivo no ano de 2014 foi um dos mais conectados à internet na história do esporte mundial. A empresa registrou um tráfego de 32 *terabytes*¹ de dados nas redes de mídia e informática. Dessa forma, os mais de vinte mil profissionais da imprensa puderam ficar *online*, publicando matérias, textos, vídeos, durante toda a competição.

A internet, meio jornalístico que será analisado neste trabalho, alcançou brasileiros e apaixonados por futebol nos cinco cantos do planeta. A cada partida, vitória, derrota, alegria e tristeza, um conteúdo era publicado quase que imediatamente após o acontecido, e, quando a seleção anfitriã e cinco vezes campeã do mundo perdeu por 7 a 1, não foi diferente.

Uma das principais abordagens dos jornais, portais e programas de debate, no entanto, era saber como o público brasileiro iria se comportar caso o Brasil perdesse novamente em terras *tupiniquins*. A ideia era comparar os dois torneios e assim gerar textos e mais textos sobre o que esperar da seleção. Seria fácil para o torcedor suportar mais uma derrota em casa? Um novo *Maracanazo*²? Isso porque, poucos acreditavam que um *Minerazo* pudesse acontecer.

A partir destas linhas de trabalho, há como estratégias metodológicas analisar e identificar as utilizações dos vocábulos e expressões utilizadas pelos portais após a derrota da seleção para o time que iria se consagrar campeão daquele mundial. Será que os jornalistas e sítios analisados estavam sentindo a derrota do Brasil, ou apenas publicaram, “vexame, vergonha, tragédia, humilhação”, para conseguirem mais acessos?

O jornalista precisa explicar o caos para a sociedade. Portanto, qual seria a sua explicação diante de uma situação como essa? O que os jornalistas e autores das principais reportagens divulgadas na internet queriam expressar? Eles se preocuparam realmente com o resultado do jogo ou tentaram influenciar um sentimento da torcida e dos milhões de pessoas que acompanharam aquele jogo, na

¹ Unidade de medida de dispositivos de armazenamento, igual a um trilhão de bytes

² O episódio conhecido como Maracanazo foi a derrota do Brasil na final da Copa do Mundo de 1950. O Uruguai venceu por 2 a 1 de virada, o que causou comoção pública segundo os jornais da época consultados. Houve quem chamou a derrota do Brasil de Mineirão numa alusão àquele evento.

tarde de terça-feira?

Este trabalho é importante para o jornalismo esportivo, já que se acompanha, no período de realização deste trabalho, diariamente, um crescente desinteresse em relação ao futebol no país e, em consequência disso, a ascensão de outros esportes. Os estádios com menos público podem ser indícios de uma relação estremecida. A derrota da seleção brasileira teria alguma influência sobre isso?

O país que recebeu a Copa do Mundo, e foi, por muitas vezes, chamado e considerado o “país do futebol”, após aquele jogo, fora rendido e obrigado a explicar o apagão daquela memorável tarde de julho, colocando em *check* tudo o que já havia conquistado. Trabalha-se aqui com a premissa que muito, inclusive, deve-se à divulgação negativa daquela partida. A imprensa pode ter sido responsável por isso.

Uma geração inteira de jogadores, comandada também por um técnico que outrora já havia se consagrado com a *amarelinha*, depois daquele jogo de futebol, não prestavam mais. O estudo de caso desses portais analisados neste trabalho, que recebem milhares de acessos por dia, tenta explicar que razão e emoção podem ter sido postos à prova, até mesmo pelos profissionais da imprensa.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: o primeiro capítulo consiste na discussão sobre a objetividade e imparcialidade no jornalismo; o segundo capítulo conta com a sociologia esportiva e o livro *As dimensões do esporte* de Manoel José Tubino. O terceiro capítulo, por sua vez, trata do jornalismo esportivo desde a sua origem, passando por suas características e chegando até os dias atuais; já o quarto, é explicado o contexto do jornalismo na web. O quinto trata do método, e o sexto da análise, antecedendo a conclusão.

1. Objetividade e imparcialidade no jornalismo

Todo aluno de jornalismo passou, ao menos uma vez, por tentar entender o que seria a objetividade, como se fosse uma “miragem” no deserto. Um dos princípios comuns da atividade, já foi, e ainda é até hoje, tema de vários estudos e, por sua vez, bastante discutido entre os profissionais da área. Seria a profissão pautada pelo que há essencialmente de objetivo? A respeito de um conceito também polêmico, há mais incertezas do que verdades absolutas.

Afinal, teria como ler um determinado recorte sem interpretá-lo a partir de uma perspectiva específica ou até mesmo descrever algo exatamente como ele é? Para Amaral (1996), seria uma meta inalcançável.

Somos prisioneiros de sistemas de valores adquiridos. Os nossos atos são influenciados, quando não determinados, por nossa maneira própria de ver, sentir e reagir à ação dos agentes externos. O ser humano vê o mundo por meio de uma espécie de filtro e com base nessa apreciação constrói a sua realidade (AMARAL, 1996 p. 18)

A objetividade, em muitos casos, é definida em oposição à subjetividade, o que pode ser considerado um erro, pois ela surge não para negá-la, mas sim por reconhecer a sua inevitabilidade (PENA, 2005). Assim sendo, não podemos apenas embarcar em uma verdade absoluta ou mesmo interrogar o porquê disso se tornar correto ou verdadeiro.

A apuração e a busca por respostas são apontadas como relevantes para ser criado um método para desconfiar desses fatos. O comunicador, jornalista, repórter, assessor, frequentemente tem de acordo com os autores consultados, de montar a notícia baseando-se em depoimentos oficiais ou em fontes testemunhais. É necessário ter a ideia de que a veracidade das informações depende de terceiros e não apenas das palavras de jornalistas.

Segundo Schudson, o ideal da objetividade do jornalismo foi fundado numa confiança que a perda nos fatos era irreversível. Os jornalistas chegaram a acreditar na objetividade porque queriam, porque precisavam,

porque eram obrigados pela simples aspiração humana de procurar uma fuga das suas próprias convicções profundas de dúvida e incerteza. (TRAQUINA, 2005, p.138)

Para Pena (2005) em *Teoria do Jornalismo* o conceito de objetividade usado na comunicação muitas vezes pode ser equivocado, uma vez que o método é que deveria ser objetivo, não o jornalismo. A sociedade questiona os veículos da comunicação por confundir a objetividade do método com a do profissional.

Há quem considere que a informação deva expor também sentimentos, opiniões e particularidades dos emissores da notícia. Faltam clareza, critério e, acima de tudo, responsabilidade. Pena explica que os jornais valorizam mais as declarações do que os próprios fatos, ou seja, preocupam-se com os boatos da informação e não com os acontecimentos em si.

O início de uma apuração para a construção da notícia é tão fundamental quanto o resultado final da reportagem. Redigir uma reportagem atenta o profissional de comunicação, o repórter, à percepção do jornalista. Os autores defendem que duas pessoas que tratam do mesmo assunto nunca escreverão reportagens com o mesmo conteúdo. Mesmo que sejam os mesmos entrevistados, os mesmos acontecimentos e o mesmo lugar, a objetividade vai estar presente na percepção de quem escreve a reportagem.

O ideal para o jornalismo é que as técnicas e os métodos de produção da notícia fossem usados sempre, e assim, trazer certo rigor científico ao que está sendo emitido. O sentido da informação seria muito mais baseado no método do que no profissional, já que esse seria sempre subjetivo.

A objetividade então surge porque há uma percepção de que os fatos subjetivos, ou seja, construídos a partir da mediação de um indivíduo, que tem preconceitos, ideologias, carências, interesses pessoais ou organizacionais e outras idiosincrasias. E como estas nunca deixarão de existir, vamos tratar de amezinhar sua influência no relato dos acontecimentos. Vamos criar uma metodologia de trabalho. (PENA, 2005, p. 50).

Mostrar algo que pode mudar o pensamento, destino e a postura da sociedade, exige de quem escreve um comportamento ético. E, falar de produção jornalística, métodos de construção de uma reportagem, ações do profissional de comunicação sem ressaltar a imparcialidade, seria quase impossível. Ouvir os dois lados da notícia não basta, é necessário trazer a verdade à tona, mesmo que o correto não seja bom ou agrade a todos.

1.2 Imparcialidade e jornalismo esportivo

Falar de imparcialidade vai além do assunto ou tema específico. E no esporte, essa tarefa se torna ainda mais complicada. Emitir opinião, ou refletir sobre um esporte é comprometedor para qualquer um que não saiba respeitar os limites da paixão e da torcida. Ser imparcial é evitar tendências e não olhar apenas o lado do mais forte. O jornalista esportivo Paulo Vinícius Coelho defende que não há a necessidade em reforçar ou negar que se torce por um determinado time.

Reforçar poderá dar a impressão que o comentário não é isento. Fulano só disse isso, pois torce para tal time. Cicrano só disse isso porque prefere essa equipe. Não reforçar pode significar não dizer no ar, mas dar explicações fora da telinha. Bobagem tão grande quanto o jornalista que insiste em esconder o time pelo qual torce. Ele pode perder credibilidade por não divulgar aquilo que sabe desde criança: seu time do coração. (COELHO, Paulo, 2014, p. 58)

Para Amaral, em *A Objetividade Jornalística*, até a primeira metade do século 19 não havia preocupação por parte do editor e do leitor com equilíbrio e imparcialidade. Segundo ele, a imprensa era político-partidária e, com isso, os leitores se debruçavam e saboreavam a versão que os grandes jornais queriam.

Em sua tarefa diária, o jornalista precisaria deixar em casa suas normas, princípios, referências políticas e ideológicas, procurar excluí-los do pensamento e se concentrar na narração dos fatos, sem tentar explicá-los ou comentá-los. (AMARAL, 1996 p. 26).

Segundo Viana (2013), há aqueles que superestimam o jornalista, iludidos pela valorização da imagem dos profissionais, principalmente apresentadores de televisão, grandes blogueiros, comentaristas. Dessa forma, o receptor da informação que não se prende verdadeiramente a notícia crê muito mais que este tipo de jornalista é o detentor da verdade absoluta.

Para ele, apurar um fato ou uma notícia já conta como um ato de imparcialidade.

Se a imparcialidade existe ou não, é necessário um trabalho de investigação a longo prazo. Hoje, em todas as mídias, encontramos profissionais que prezam pelo nome e pela carreira. No âmbito esportivo surgem apresentadores e comentaristas que expõem seus clubes e times do coração sem o menor pudor. Mas garantem que acima disso existe um critério para avaliação, mas será possível?

No livro de Phillip Meyer, *A Ética no Jornalismo* (1987), o autor americano explicava que à época a sociedade era bastante diversificada e o problema da imparcialidade era motivo de discussão, isso porque o problema era – e é – tão complexo que uma solução direta seria impossível. O que é justo para uns pode parecer tendencioso para outros, e por isso que ela é relativa, conforme defende o autor.

Quando tratamos sobre imparcialidade a regra básica é: “obtenha o outro lado da história”. Para Meyer, quando alguém faz uma afirmação que não é verificável por observação direta e para qual existem outros pontos de vista, espera-se que o repórter inclua esses outros pontos de vista. Essa prática tende a produzir um padrão de textos nos quais haja sempre dois pontos de vista, nem mais, nem menos (MEYER, 1987, p.87).

A realidade frequentemente é muito diferente. Numa situação complicada com muitos pontos de vista, alguns deles irão inevitavelmente se perder quando o repórter assume um modelo com apenas duas visões contrastantes. Em política nacional, por exemplo, as coisas interessantes ditas por terceiros partidos são frequentemente ignoradas enquanto os jornalistas se concentram em republicanos e democratas como se esses dois lados incluíssem o universo. (MEYER, 1987, p. 87)

O autor americano concluiu o raciocínio sobre os questionamentos da imparcialidade afirmando que outro aspecto que torna o tema complexo é que algumas situações envolvem os interesses dos jornais, emissoras, rádios, reais ou emocionais. Se um jornal é editado de uma maneira realmente não envolvida e equânime, irá avaliar cada história por seus méritos e o fato da reportagem ser exclusiva ou uma sequência da história de alguém, não importa.

Assim sendo, objetividade e imparcialidade trabalham lado a lado, e, no jornalismo esportivo, por mais que existam os questionamentos e as dúvidas, ainda há formas de preservar o conteúdo explorado e de interesse da grande massa. Como citado na introdução deste trabalho de conclusão de curso, a partir de agora tentaremos entender como os veículos da imprensa brasileira, que acompanharam a eliminação do Brasil na Copa do Mundo de 2014 para a Alemanha em pleno solo canarinho, deixam em evidência o comportamento da mídia brasileira durante o torneio.

2. Mídia e esporte

Definir e limitar as fronteiras do esporte não é uma tarefa das mais fáceis, porém, para entender a importância e o alcance do “esporte” como competição, lazer, atividade física, e educação dentro da sociedade, basta analisar a realidade dos países que utilizam dele como ferramenta para o crescimento. Potências mundiais esportivas, em alguns casos específicos, também são referências em taxas de economia, saúde, PIB, etc. Teria o esporte alguma interferência nisso?

Neste capítulo o autor e jornalista Heródoto Barbeiro, em o *Manual do Jornalismo Esporte*, 2006, relaciona o esporte com a mídia e a trata como prestação de serviço. Afinal, comunicar, informar, debater os acontecimentos esportivos, muitas vezes, influencia no comportamento das pessoas e no dia-a-dia delas. Como isso?

Para ele as informações de prestação de serviço têm influência direta na vida de muitos torcedores, os eventuais erros cometidos provocam consequências imediatas e muitas vezes graves. O repórter que faz a prestação de serviço deve sempre estar em sintonia com o pessoal de redação para checar e completar a informação apurada. (HERÓDOTO, 2006, p. 61)

A informação errada sobre o horário e o local de um jogo, por exemplo, não só causa irritação em quem confiou naquela emissora, mas pode também ser responsável por problemas maiores, como brigas e confusões generalizadas entre torcidas. Boa parte dos torcedores procura informações úteis para o seu dia-a-dia, que resolvam problemas concretos. Preços dos ingressos, local de venda, horário dos jogos, mudanças de local/ dia/ horário, trânsito a caminho do estádio, transporte, acidentes, caminhos alternativos para cada torcida e até capacidade de público para o local do evento. (HERÓDOTO, 2006 p. 61)

No livro de Manoel Tubino, *Dimensões sociais do esporte*, 2001, ele analisa as dimensões da atividade no cotidiano das pessoas. A análise refere-se ao esporte como um direito pelo qual a sociedade deve reivindicar. As dimensões são:

O principal equívoco histórico do entendimento do **esporte-educação** é sua percepção como ramo **do esporte performance**, ou de rendimento. Nesta percepção equivocada, as competições escolares que deveriam ter um sentido educativo, invés disso, simplesmente reproduzem as competições de auto nível, com todas as suas características, inclusive com seus vícios, deformando qualquer conceito de educação. A educação que tem um fim eminentemente social, ao compreender o esporte como manifestação educacional, tem que exigir do chamado **esporte-educação** um conteúdo fundamentalmente educativo. (TUBINO, 2001, p. 35)

O que Manoel Tubino observa nessa breve explicação sobre esporte-educação é que a teoria como o ensino, que é baseada nas atividades esportivas nas escolas, centros de recuperação de jovens, prisões e comunidades carentes, é perfeita, digna de grandes prêmios. O problema é que na prática a ideia não se faz valer. Disseminar a competição, a rivalidade, o individualismo, muitas vezes não é a melhor forma de se educar.

Veja como exemplo aquele garoto brasileiro que sonhou a vida inteira em ser jogador de futebol, e ainda jovem, o pai dele o incentivava a treinar em grandes clubes e até mesmo largar os estudos. Na prática isso funciona, basta ver grandes craques que venceram na vida sem nunca terem terminado o ensino médio, por exemplo. Mas em quais condições este garoto foi preparado para a vida?

Em uma rápida comparação com potências mundiais como os Estados Unidos e a Inglaterra, por exemplo, naqueles países os garotos aprendem que o esporte, muito mais do que lhes trazer fama, dinheiro e uma vida estável, pode lhes render o lugar em uma grande universidade, escola e, a partir disso, mudar a vida deles.

Para Tubino, esporte-educação, entendido no processo educacional de formação das pessoas, deve também ser considerado como um caminho essencial para o exercício pleno da cidadania no futuro individual dessas pessoas. Outra dimensão do esporte analisada pelo autor é o esporte-participação;

Esta é a dimensão social do esporte referenciado como o princípio do prazer lúdico, e que tem como finalidade o bem-estar social dos seus praticantes. O **esporte-participação ou popular** tem relações íntimas com o lazer e o tempo livre. Esta manifestação, que ocorre em espaços não comprometidos com o tempo e fora das obrigações da vida diária de modo geral, tem como propósito a desconcentração, a diversão, o

desenvolvimento pessoal e as relações entre as pessoas. Também oferece oportunidades de liberdade a cada praticante a qual se inicia na própria participação voluntária. (TUBINO, 2001 p. 39.)

O **esporte-participação** que tem relação com a atividade de incentivar a população a praticar alguma atividade física é o discurso de todo bom político. Porque no fundo o bem-estar social está ligado ao exercício e a satisfação plena. No Brasil, isso não é muito difícil, um território com dimensões continentais oferece variadas oportunidades para a prática de diferentes esportes, sejam por terra, água, ou até no céu.

Oferecer a prática esportiva em comunidades carentes, sem acesso a campos, quadras, tablados e lugares onde é possível exercer uma atividade plena, pode ser o caminho para democratizar a cultura do esporte popular. Integrar e trazer a satisfação ao povo é diferente da *política do pão e circo*³. Com o esporte derrubando classes sociais, as dimensões e a importância dele são fundamentais no processo de construção da cidadania e condução de uma sociedade. A atividade se torna a opção para acabar com a rotina, oferecer o prazer e integrar a comunidade.

Manoel Tubino defende que o esporte-participação é uma ferramenta para diminuir e equilibrar desigualdades sociais e esportivas que são encontradas na dimensão do esporte-performance. A terceira e última camada tratada neste capítulo é o esporte performance;

Esta dimensão social do esporte, que permanece valendo pelo próprio conceito de esporte até a década sessenta, é socialmente importante pelos efeitos que exerce sobre a sociedade. Ao exigir uma organização complexa e investimentos, o **esporte performance ou de rendimento**, cada vez mais, passa a ser uma responsabilidade de iniciativa privada. Traz consigo os propósitos de novos êxitos esportivos, a vitória sobre adversários nos mesmos códigos, e é exercido sob regras preestabelecidas pelos organismos interacionais de cada modalidade. Há uma tendência natural que seja praticado principalmente pelos chamados talentos esportivos, o que impede de ser considerado uma manifestação comprometida com os preceitos democráticos. É também a dimensão social que propicia os espetáculos esportivos, onde uma série de possibilidades sociais positivas ou negativas. (TUBINO, 2001, p.40)

³ A **política do Pão e Circo** (*panem et circenses*, no original em Latim) como ficou conhecida, era o modo com o qual os líderes romanos lidavam com a população em geral, para mantê-la fiel à ordem estabelecida e conquistar o seu apoio.

A indústria do esporte de rendimento, do esporte como opção de profissão e do sonho de muitas pessoas, é mais uma realidade encontrada em solo brasileiro. Diferentemente daquilo que serve como educação e lazer, a performance é um meio de progresso nacional e intercâmbios internacionais. O esporte como fator de fortalecimento da sociedade e também de enriquecimento de setores do turismo e da economia.

O **esporte performance** é capaz de trazer recursos humanos qualificados e, assim, provocar a criação de profissões específicas no âmbito esportivo. Tubino conclui seu raciocínio alertando que, neste tipo de dimensão social do esporte, é fundamental não apenas estudar, avaliar seus vícios, erros e distorções sociais, mas também seus aspectos positivos.

No mundo da imprensa esta última dimensão explicada por Tubino é aquela que o jornalismo brasileiro está acostumado a cobrir. Mas isso não quer dizer que seja o correto e o mais coerente. Em outros países, mídias, repórteres, a comunidade em geral se preocupa com o tipo Esporte-Participação e também com o Esporte-Educação. Isso porque para o entendimento de uma parte da imprensa, o esporte vai além da competitividade e da “performance”.

O que isso quer dizer? Não é porque o Brasil foi cinco vezes campeão de um torneio de futebol que ele é superior aos outros países neste esporte, ou muito menos que após uma derrota por 7 a 1 em uma Copa do Mundo o futebol não presta mais por aqui. A imprensa, em alguns casos, necessita lembrar que o esporte não é apenas futebol.

O papel do repórter esportivo neste caso é tentar entender o que acontece por trás de um time, uma seleção, uma categoria de base ou um estádio lotado de torcedores fanáticos por um clube. É importante se importar com a formação da pessoa, as competições escolares, jovens que recebem oportunidades em escolas, universidades, o outro lado do esporte. Ao cobrir apenas o produto de performance, competição, disputa e elite, podemos acabar afastando o que é principal: a população da atividade esportiva.

Através das dimensões citadas por Manuel Tubino neste capítulo, podemos esclarecer essa relação do esporte com o cotidiano e os impactos na vida da sociedade. Mas e a imprensa? Até que ponto este caderno de notícias influencia na vida das pessoas e diferencia o tipo de jornalismo feito em televisões, rádios, jornais e na internet.

Todo jornalista presa principalmente pela teoria perfeita da informação. Trabalhar direito na produção de uma reportagem, na de uma pauta, na apuração e principalmente na construção da informação utilizando, por exemplo, os pontos chaves do *lide* e da *pirâmide invertida*⁴.

Em *Jornalismo Esportivo* de Paulo Vinícius Coelho (2014), ele explica que o furo jornalístico é um dos casos em que muitas vezes o repórter de esporte acaba se esquecendo. Nenhum repórter pode viver sem procurar informação exclusiva. É próprio da profissão procurar o que ninguém ainda conseguiu. Manter o contato com a melhor fonte, conversar com o maior número de pessoas ligadas ao que parece estar prestes a acontecer. (COELHO, 2014, p. 77)

Para o autor, no mundo do jornalismo ainda há muito preconceito contra aqueles profissionais que se especializaram para trabalhar apenas com esporte.

⁴ Lide é o primeiro parágrafo de um texto, no qual uma das funções é a de “prender” o leitor para que ele leia a matéria inteira; já o texto no formato de pirâmide invertida significa começar do geral para o particular, é aquela que está organizada de forma que no primeiro parágrafo as perguntas básicas da notícia: quem, o quê, onde e quando, sejam respondidas.

3. Jornalismo Esportivo

Como discutido e abordado em capítulos anteriores, o tema “esporte” é capaz de mover multidões e, principalmente, ditar o conteúdo de redações e influenciar centenas de comunicadores. Eventos mundiais como Jogos Olímpicos, Copa do Mundo de Futebol, desafios internacionais de luta, entre outros esportes, conseguem trazer números expressivos de audiência para emissoras de televisão, rádio, sites, blogs. Uma verdadeira disputa pela atenção de cada fã e torcedor.

Para Coelho (2014), o jornalista que resolve trabalhar cobrindo fatos esportivos corre um sério risco de se perder pelo caminho. Eis o grande risco do profissional que começa a ser exposto diariamente na mídia. Jornalismo é notícia, ela é a razão de ser jornalista. E do jornalismo. Construída com inteligência, com conhecimento do assunto, com encadeamento de ideais, coisas que exigem bons profissionais. (COELHO, 2014, p.48).

Quantos personagens do jornalismo protagonizaram grandes mesas redondas, programas de debate ou discussões acaloradas. O futebol então, nem se fala. O esporte com a maior audiência mundial é tratado no Brasil como religião e tornou, no país Latino, as quartas e domingos, dias sagrados para juntar a família e assistir a um jogo. Mas para os apaixonados por esporte que resolveram escrever sobre o assunto, a notícia, a reportagem vem em primeiro lugar. Ou seja, em dia de jogo, nada de folga.

Heródoto Barbeiro, em Manual do Jornalismo Esportivo de 2006, define a linguagem própria da comunicação do mundo dos esportes. Para ele, atualmente, o texto do jornalismo esportivo está bem caracterizado de veículo para veículo. Através de tópicos, o autor estabelece pequenos conceitos fundamentais dentro do jornalismo esportivo, tais como:

- A pauta é determinante na linguagem, no estilo e principalmente na finalização da matéria. A pauta não pode ser considerada agenda a ser cumprida. (BARBEIRO, 2006, p.56)

- Fique atento às demonstrações de emoção, de angústia dos torcedores, familiares dos atletas, personagens ligados diretamente ao evento esportivo. (BARBEIRO, 2006, p.56)
- Cuidado com o uso de gírias e jargões. Há alguns que cabem em determinada situação e em outra não. O bom senso tem de funcionar mais para que não se ultrapasse a linha do bom para o mau gosto. (BARBEIRO, 2006, p.56)
- Em esporte há mais liberdade na linguagem falada e escrita, o que não aposenta, no entanto, a gramática. (BARBEIRO, 2006, p.56)
- É possível fazer jornalismo esportivo inteligente. Procure sempre estar informado e antenado com o mundo. Uma pauta de esporte se faz somente sobre esporte. (BARBEIRO, 2006, p.56)

Apesar dos novos formatos de jornalismo esportivo que são vendidos e surgem nas programações de televisão, rádio e internet, os conceitos abordados por Heródoto acima, podem ser listados como fundamentais para todo tipo de jornalista apaixonado por esportes. Regras e características que repetidamente estão inseridas em pautas, reportagens, abordagens e publicações.

Em *Manual do Jornalismo Esportivo* ele opina que o discurso jornalístico adotado por um veículo de comunicação pode colocar a ética em *xequê-mate*. Se o tom da redação é ser mais humanista, pode ocorrer de o repórter tomar participação na vida de um clube, de um atleta deixar o distanciamento profissional comprometido. Esse tom intimista mexe diretamente na linguagem. (BARBEIRO, 2006, p.55)

Todas as semanas, gente que conseguiu nível salarial razoável no mercado de trabalho recebe e-mails de jovens profissionais que se apresentam. Há os que querem sua primeira oportunidade; os que sonham com um lugar em qualquer aérea do jornalismo e os que ainda nem entraram na faculdade, mas almejam praticar sua paixão: escrever sobre esportes. Vários deles entraram no mercado de trabalho e deixaram suas marcas. Outros talvez nunca consigam sequer escrever uma linha sobre esportes. Questão de oportunidade. É duro ter chance em um mercado que solta milhares de jornalistas formados todos os anos. É duro manter o salário elevado por

muito tempo se há tanta oferta de novos profissionais sedentos de chance. (COELHO, 2014, p. 26)

Dentro da imprensa brasileira grandes ídolos e mitos mudaram os rumos do jornalismo esportivo. O que falar de Nelson Rodrigues e o seu inconfundível “Sobrenatural de Almeida”, Osmar Santos e os seus gritos de “Animaaaaaal” para Edmundo, e as frases marcantes de Armando Nogueira? Ícones da profissão que deram ainda mais vida ao esporte.

No livro, PVC acredita que a maior dificuldade para o jornalista é distinguir o que é verdade, opinião e lenda. Ele também critica a forma como os principais jornalistas esportivos de cada tempo referem-se aos jogadores de cada época, pois os mesmos produzem difíceis distorções de corrigir.

A noção de realidade que o jornalismo esportivo carrega nos tempos atuais torna a cobertura esportiva tão brilhante quanto qualquer outra do jornalismo. O ponto-chave é que, muitas vezes, tal cobertura exige mais do que noção de realidade. (COELHO, 2014, p. 22)

A magia do jornalismo esportivo é capaz de transportar o ouvinte, leitor, telespectador para dentro do acontecimento. Isso graças às linhas, narrações, reportagens. Momentos que ficaram marcados na história do esporte e que através do jornalismo criaram enredos próprios para cada um que recebeu essa informação. A tarefa de informar com qualidade e com imparcialidade, faz com que o jornalismo feito dentro do esporte, não seja diferente de qualquer outra área de atuação na comunicação.

Para Coelho, esse tipo de cobertura sempre misturou emoção e realidade em proporções muitas vezes equivalentes. É possível fazer uma brilhante matéria de economia falando de futebol. (COELHO, 2014).

4. Jornalismo Online – “Vale a velocidade da informação ou critério jornalístico?”

A partir do século 20 o leitor do jornal, ouvinte da rádio e o telespectador da televisão, aprenderam a conviver com a palavra multi-interatividade. Isso porque o “boom” da internet abriu portas e mostrou novas ferramentas para que o usuário da notícia desfrutasse do conteúdo fornecido. No mundo do jornalismo esportivo, com certeza, não seria diferente.

Para Luciana Mielniczuk em *Características e implicações do jornalismo na Web*, a interatividade da web no jornalismo é vista como um processo de interação multimídia, implicando em ações entre homem x máquina, homem x produto jornalístico e homem x homem, através de recursos oferecidos pelo web jornal.

A Internet passa a ser empregada, de forma expressiva, para atender finalidades jornalísticas, a partir de sua utilização comercial, que se dá com o desenvolvimento da Web no início dos anos 90. Diferentes nomenclaturas têm sido utilizadas para designar este recente tipo de prática jornalística. Por exemplo, alguns dos termos encontrados são ciberjornalismo, jornalismo eletrônico, jornalismo online, jornalismo digital, jornalismo hipertextual. (MIELNICZUK, s/pág.)

É importante ressaltar o alcance da internet e o tanto que ela se transformou ao longo dos anos como forma de conteúdo para os leitores. Buscas e pesquisas *onlines* sempre foram determinantes no uso da web, mas portais de notícias ganharam espaço com o passar do tempo, quando o imediatismo e o furo jornalístico mais uma vez foram testados. Atualmente é muito difícil uma notícia publicada em um grande diário impresso ser novidade, até porque, o tempo real da web, se preocupa em dar a informação no momento em que ela acontece.

A professora de jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul identifica três fases distintas no jornalismo online:

Transpositivo:

No qual os produtos oferecidos, em sua maioria, eram reproduções de partes dos grandes jornais impressos, que passavam a ocupar um espaço na Internet. O que era chamado então de jornal online não passava da transposição de uma ou duas das principais matérias de algumas editorias. (MIELNICZUK, s/pág.)

Metáfora:

Com o aperfeiçoamento e desenvolvimento da estrutura técnica da Internet, pode-se identificar uma segunda fase, quando, mesmo 'atrelado' ao modelo do jornal impresso, os produtos começam a apresentar experiências na tentativa de explorar as características oferecidas pela rede. Nesta fase, mesmo ainda sendo meras cópias do impresso para a Web, começam a surgir links com chamadas para notícias de fatos que acontecem no período entre as edições; o e-mail passa a ser utilizado como uma possibilidade de comunicação entre jornalista e leitor ou entre os leitores, através de fóruns de debates; a elaboração das notícias passa a explorar os recursos oferecidos pelo hipertexto. (MIELNICZUK, s/pág.)

Webjornalismo:

O cenário começa a modificar-se com o surgimento de iniciativas tanto empresariais quanto editoriais destinadas exclusivamente para a Internet. São sites jornalísticos que extrapolam a ideia de uma simples versão para a Web de um jornal impresso e passam a explorar de forma melhor as potencialidades oferecidas pela rede. Este terceiro, e atual, permite a transmissão mais rápida de sons e imagens. (MIELNICZUK, s/pág.)

A necessidade com que a informação precisa ser noticiada fez com que o jornalismo na internet se tornasse cada vez mais fundamental para a comunicação. Porém, dessa forma a disputa por espaço e manchetes traz uma antiga questão: vale a velocidade ou o critério da notícia?

Relembrando ainda uma citação de Paulo Vinicius Coelho em *Jornalismo Esportivo*, a volúpia com que a internet passou pelo mercado editorial do Brasil causou grandes estragos para jornalistas consagrados. Mas o maior dano por ter sido gerado para os meninos que entraram no mercado e saíram da aventura com a sensação, que mais vale uma notícia publicada rapidamente do que uma informação checada criteriosamente antes de ser publicada. (COELHO, 2014 p. 62)

Ou seja, foi necessário que todo e qualquer profissional de comunicação passasse por um processo de adaptação para que assim pudesse se adequar ao mercado e mostrar uma nova ferramenta de trabalho e notícia.

Esse efeito devastador da internet brasileira ainda poderá ter consequências duradoras para as próximas gerações de jornalistas. E não há efeito mais difícil de remover do que a falta de referência. Ou da falta de critério, da falta de cuidado com a informação. Isso ainda persiste em grande parte das empresas ligadas à internet. Vale a velocidade, mais do que o critério jornalístico. Vale, por tanto, todo cuidado do mundo ao jovem jornalista convidado a fazer parte de uma dessas aventuras. (COELHO, 2014, p. 63)

Para Pinho em *Jornalismo na Internet*, as características do jornalismo de rede são fundamentalmente direcionadas para a informação com rapidez. Qualquer coisa que seja a sua denominação – jornalismo digital, jornalismo on-line ou webjornalismo –, o jornalismo marca sua presença na *World Wide Web* oferecendo informação e conteúdo, em especial nos sites de jornais e revistas impressas, que migraram para a rede mundial, nos sites de agências de notícias, nos sites noticiosos especializados, nos portais e nos sites de instituições e empresas comerciais. (PINHO, 2003, p. 113)

A entrada de jornais e revistas na Internet inaugura um novo veículo de comunicação que reúne características de todas as outras mídias e que tem como suporte as redes mundiais de computadores. O jornalismo digital representa uma revolução no modelo de produção e distribuição das notícias. (PINHO, 2003, p.115)

Portanto, o que torna a internet um chamariz para qualquer cidadão apaixonado por notícia é principalmente sua forma e as características como a

informação pode ser passada. Invés do tradicional papel e as ondas de rádio, o emissor da internet, são os *bits*. Pinho cita Manta em 2002, no qual afirma que os *bits* podem ser atualizados instantaneamente na tela do computador na forma de textos, gráficos, imagens, animações, áudio e vídeo; recursos multimídia que estão ampliando as possibilidades da mídia impressa. (PINHO, 2003, p. 115)

5. Método

5.1 ANÁLISE DE DISCURSO

Em cada discurso é necessário avaliar a forma como ele chega até o receptor, ou seja, que tipo de linguagem é usada para isso. Na sua origem, o desenvolvimento do homem está atrelado à linguagem. Em *Análise de Discurso*, de Eni P. Orlandi, de 2013, ele afirma que a análise de discurso, procura compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social e geral constitutivo do homem e da sua história.

A análise de discurso como o próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. Orlandi explica que a palavra do discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim, palavra em movimento. (ORLANDI, 2013, p.15).

Nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como estrutura, mas sobretudo como acontecimento. Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história. (ORLANDI, 2013, p. 19.)

Orlandi define este método em três pontos:

- A língua tem sua ordem própria, mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem);
- A história tem seu real afetado pelo símbolo (os fatos reclamam sentido); e
- O sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia;

Para a Análise de Discurso, não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos na comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim serializado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica etc. (ORLANDI, 2013, p.21).

Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação aos sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc. Por outro lado, tampouco assentamos esse esquema na ideia de comunicação. A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores. (ORLANDI, 2013, p.21)

O autor conclui que o discurso, portanto, tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto. (2013)

5.2 Procedimentos

Neste trabalho de conclusão de curso, para compreender o objetivo proposto, a análise vai mostrar que o 7 a 1 impactou diretamente na imprensa e no modo como os jornalistas atrelaram aquela derrota da seleção brasileira naquela tarde do dia 8 de julho de 2014. Para trazer essas observações, são objetos os título, subtítulo e primeiro parágrafo do texto.

As quatro notícias separadas foram publicadas logo depois do final da partida, por volta das 19h daquela data. Os veículos escolhidos são reconhecidos pela audiência e por pautarem outros portais noticiosos. A análise aborda quatro reportagens publicadas em grandes portais da imprensa brasileira:

- **IG – “Brasil sofre maior vexame de sua história e Mineirazo sepulta o Maracanazo”**

- **G1** – “Brasil é massacrado pela Alemanha e sofre a maior goleada de sua história: 7 a 1”
- **TERRA** - “Surra histórica faz morte do Jogo Bonito ser o de menos”
- **UOL** - “Maior vexame da história do futebol brasileiro coloca Alemanha na decisão”

A partir da compreensão e leitura destas matérias, a estratégia é realizar um passo a passo que observe o seguinte:

- a) Breve descrição do assunto da notícia/reportagem;
- b) Expressões de ironia ao time de futebol;
- c) Adjetivos, advérbios ou expressões demeritórias à equipe de futebol;
- d) Frases, orações ou sentenças aplicadas ao esporte, mas que, no sentido original, remetem a acontecimentos traumáticos; e
- e) Termos que trazem juízo de valor da equipe de reportagem ou da edição do material

As classificações servem para organizar a leitura, o que não quer dizer que as ideias não possam estar contidas em mais de uma observação. Exemplo: uma expressão de ironia pode estar encaixada também como um juízo de valor. Na análise, a ideia é haver o menor número de repetições.

6. Análise das matérias publicadas

A partir do que foi descrito como procedimento metodológico, a análise expõe os caminhos escolhidos pela reportagem ou pela edição do conteúdo. Para facilitar essa compreensão, os temas escolhidos são tratados em cada uma das reportagens. A análise é feita por veículo (por ordem alfabética) escolhido na amostragem:

Notícia 1 - IG – **“Brasil sofre maior vexame de sua história e Mineirazo sepulta o Maracanazo”** (publicado às 18:53), autor: Bruno Winckler (ANEXO 1)

a) Descrição da notícia

Nesta publicação o conteúdo abordado compara a seleção brasileira de 2014 à que foi derrotada em 1950, no famoso “Maracanazo”. As fontes principais são secundárias e trazem números de outras participações do Brasil em Copas do Mundo. Além disso, o texto traz quatro links externos, dos quais três deles estão no primeiro parágrafo e trazem outras notícias sobre a “Seleção Brasileira”, “Alemanha” e “Copa do Mundo”, já o quarto, ao longo da matéria, com a informação sobre o novo maior artilheiro em Copas do Mundo, o jogador alemão, Klose.

b) Expressões de ironia

“Não há outra definição para o passeio sofrido dentro de casa para a Alemanha nesta terça-feira”

Nesta citação do texto o jornalista se mostrou irônico e até um quanto perplexo com o resultado da partida semifinal da Copa do Mundo. Afinal de contas, há uma definição. O Brasil facilmente perdeu a partida para a Alemanha.

c) Adjetivos, advérbios ou expressões demeritórias à equipe de futebol

“Blitz alemã em 30 minutos acaba com sonho do sexto título mundial do Brasil na sua maior derrota em 100 anos “

“Brasil sofre maior vexame de sua história e Mineirazo sepulta o Maracanazo”

“Um das maiores goleadas já sofridas pelo Brasil na história”

As três frases destacadas trazem adjetivos que expressam e ilustram a grandeza da derrota do Brasil naquela tarde do dia 8 de julho de 2014. A palavra **“maior”** aparece em referência aos outros resultados da seleção em jogos da Copa do Mundo. Já as expressões **“vexame e sepulta”** denigram a imagem dos convocados pelo técnico Felipão e a atuação de cada um deles naquela partida. Por último, a palavra **“goleadas”** que adjetiva a quantidade de gols que tiveram naquele jogo.

- d) Frases, orações ou sentenças aplicadas ao esporte, mas que, no sentido original, remetem a acontecimentos traumáticos**

“Mineirazo *sepulta* o Maracanazo”

A palavra **“sepulta”** tem um sentido pejorativo quanto ao resultado daquele jogo entre Brasil e Alemanha. O significado dela é de quando alguém enterra algo. Ou seja, o autor quis dar a ideia de que aquele jogo fez com que a derrota do Brasil para o Uruguai por 2x1, em 1950, fosse enterrada.

- e) Termos que trazem juízo de valor da equipe de reportagem ou da edição do material**

“Blitz alemã em 30 minutos *acaba com sonho do sexto título mundial do Brasil*”

O repórter decreta no termo sublinhado com qualquer possibilidade de a Seleção Brasileira de Futebol conquistar o sexto título mundial.

“Esta geração de brasileiros não viu o Maracanazo”

O repórter coloca todos os seus leitores como menores de 65 anos, além de descartar a possibilidade de os mais novos terem acesso a relatos, vídeos, documentos e textos sobre o evento de 1950.

Notícia 2 – **O Globo** - **“Brasil é massacrado pela Alemanha e sofre a maior goleada de sua história: 7 a 1”** (Publicado às 18:51), autor: Marco Grillo (ANEXO 2)

a) Breve descrição do assunto da notícia/reportagem

No portal G1 o conteúdo ficou restrito a análise da partida em si e o uso de fontes principais, ou seja, os jogadores da seleção brasileira, em dois parágrafos logo abaixo do lide. Na abertura do texto o jornalista fez questão de destacar a superioridade alemã em todo o jogo e citar a quantidade de gols em um espaço curto de tempo. Em toda publicação três imagens estampam o que foi aquela partida. Duas em especial, o abraço dos zagueiros Thiago Silva e David Luiz do Brasil, e a imagem de vibração do atacante alemão Schüürle após fazer o sexto gol da Alemanha. O conteúdo traz oito parágrafos e três links externos, sendo dois deles sobre o desempenho dos jogadores brasileiros em campo e o outro sobre os números da partida.

b) Expressões de ironia

Não há.

c) **Adjetivos, advérbios ou expressões demeritórias à equipe de futebol**

“Brasil é **massacrado** pela Alemanha e sofre a maior **goleada** de sua história: 7 a 1”

“O sonho do hexacampeonato se transformou na dor de uma derrota **humilhante** em apenas seis minutos. ”

“Na **maior** vergonha brasileira na história das Copas, o Brasil foi atropelado pela Alemanha no Mineirão: 7 a 1. ”

“A seleção treinada por Joachim Löw dominou a partida e deixou evidente a sua superioridade entre os 23 e os 29 minutos do primeiro tempo, quando os quatro gols marcados transformaram o tímido 1 a 0 no **estridente** placar de 5 a 0. ”

Ao todo, cinco expressões foram destacadas. A maioria classifica o placar e o resultado daquela partida em Belo Horizonte. Termos como humilhante, estridente, massacrado, dão o tom do que foi a análise dos autores da reportagem.

d) **Frases, orações ou sentenças aplicadas ao esporte, mas que, no sentido original, remetem a acontecimentos traumáticos**

“Brasil é **massacrado** pela Alemanha e sofre a maior goleada de sua história: 7 a 1”

“O sonho do hexacampeonato se transformou na **dor** de uma derrota humilhante em apenas seis minutos”

As duas expressões assemelham-se a acontecimentos traumáticos, como um massacre e algo que cause dor. A ideia é dizer que os jogadores e torcedores brasileiros sentiram além do normal a derrota para os alemães.

e) **Termos que trazem juízo de valor da equipe de reportagem ou da edição do material**

“Seleção leva quatro gols em seis minutos no primeiro tempo e **perde a chance de disputar o hexa**”

“O Brasil foi **atropelado** pela Alemanha no Mineirão: 7 a 1”

Nas duas orações o autor exagera quando se refere e acaba tomando como verdade a opinião de que o Brasil perdeu a chance de disputar o hexacampeonato, e que foi atropelado pela Alemanha. Esta não foi a primeira vez que a Seleção perdeu a chance de disputar o Hexa e nem será a última. E a expressão “atropelado” expõe o lado torcedor do jornalista.

Notícia 3 - **Terra** - “**Surra histórica faz morte do Jogo Bonito ser o de menos**”, publicado às 19:00, autor: Fábio de Mello Castanho, Celso Paiva e Anderson Régio (ANEXO 3)

a) Descrição da notícia

Este texto traz um conteúdo analítico sobre o que excede ao jogo de futebol. No entanto, não há qualquer elemento que trate de outros jogos, nem qualquer fonte que explique o que está enunciado no lide. O texto traz quatro links externos no primeiro parágrafo que trazem outras notícias sobre “Brasil”, “Alemanha”, “Copa do Mundo” e um material do New York Times sobre uma suposta “morte” do “Jogo Bonito”, colocado no texto em letra maiúscula, como se fosse nome próprio.

b) Expressões de ironia

“**Nunca um semifinalista passou tanta vergonha, nunca um dono da casa foi tão humilhado na história...**”

Embora a notícia se ampare em dados objetivos (a equipe do país sede nunca tomou tantos gols em uma partida), as expressões utilizadas têm caráter de ironia, já que a expressão nunca (repetida propositadamente) enfatiza o acontecimento.

Significado da palavra humilhado/humilhação (Dicionário Aurélio): Rebaixar; vexar; tratar desdenhosamente; com soberba; abater; submeter.

c) **Adjetivos, advérbios ou expressões demeritórias à equipe de futebol**

“O Brasil nunca tinha perdido, **em sua história de 103 atos na Copa do Mundo**”

Há acima uma expressão demeritória comparando um jogo de futebol a um “ato”, o que leva a crer que essa seria a pior seleção brasileira.

“Maior derrota era um 3 a 0 para a França na final de 1998, que ficou **modesto** perto dos 7a 1”

O repórter compara a derrota do Brasil para a Alemanha de 2014 com o revés no final da Copa de 1998 para a França por 3 a 0

“muito mais”, “maior”, “modesto”

d) **Frases, orações ou sentenças aplicadas ao esporte, mas que, no sentido original, remetem a acontecimentos traumáticos.**

“**Surra histórica faz morte do Jogo Bonito** ser o de menos”

O título da notícia expõe dois acontecimentos traumáticos que chamam a atenção: a surra e a morte, como causa e consequência. Reflete-se aqui que veículos sensacionalistas costumam atrair a leitura por intermédio de expressões como essas.

“**Nunca um dono da casa foi tão humilhado**”

Fica confusa essa relação se é o país ou o time de futebol que foi “humilhado”. Na raiz da palavra que traria a “humilhação”, seria um episódio além dos campos do esporte.

e) Termos que trazem juízo de valor da equipe de reportagem ou da edição do material

“A surra sem precedentes expôs um cenário **que vai muito além de jogar bem ou não**”

No termo grifado acima, apresenta-se a opinião do repórter, que traz impressões como verdades. Não há um cenário ao longo da matéria que permita comprovações de que o time de futebol (que se tornaria o quarto colocado do torneio) estaria concretamente submetido a uma “surra”.

“Nunca um semifinalista passou tanta vergonha”

Não estão claras quais são as evidências da vergonha: é do time, da torcida, do país?

Significado de vergonha: Sentimento ruim e de desagrado que se relaciona com o receio de se sentir ridículo e desonrado perante alguma situação. Timidez; embaraço; acanhamento; receio de desonra;

Notícia 4 - **UOL - “Maior vexame da história do futebol brasileiro coloca Alemanha na decisão”**, publicado às 18:48, sem autor. (ANEXO 4)

a) Breve descrição do assunto da notícia / reportagem

O texto analítico que é apresentado pelo portal da UOL, é baseado na esperança que se foi depositada naquela seleção brasileira e como foi frustrante aquela partida para todos os torcedores da seleção canarinho durante os quase 90 minutos de bola rolando. Assim como na análise anterior, pouco se falou do que

aconteceu dentro de campo em Belo Horizonte. O autor da reportagem fez questão de tratar das condições dos jogadores e da superioridade dos alemães naquela tarde. Além disso, nesta publicação o jornalista montou um álbum com mais de 122 imagens daquele fatídico jogo da copa do mundo. Dentro do texto há um hiperlink que explica que alguns torcedores abandonaram o estádio após o terceiro gol da Alemanha, aos 24 do primeiro tempo. Tudo isso, descrito e reportado em 15 parágrafos.

b) Expressões de ironia

“Durante cinco jogos, a seleção brasileira **fez seu papel bonito ou não**, alcançou as semifinais”

“Gol brasileiro só de Oscar, **bem no final do jogo, como consolação**”

Nas frases acima a ironia do autor sobre o desempenho dos jogadores brasileiros é evidente. Primeiro quando ele questiona se o Brasil desempenhou um bom resultado nos jogos anteriores da competição. Depois quando ele afirma que, como consolação, Oscar ainda conseguiu descontar o placar para o time da casa.

c) Adjetivos, advérbios ou expressões demeritórias à equipe de futebol

“Durante cinco jogos, a seleção brasileira fez seu papel **bonito** ou não, alcançou as semifinais”

“**Maior** vexame da história do futebol brasileiro”

“Perdeu seu **craque** nas quartas de final, Neymar”

“A **pio**r derrota do selecionado nos seus 100 anos de história”

As expressões adjetivam cada uma das frases de forma diferente. Na primeira, a palavra “bonito” fala, de forma irônica, sobre o papel bonito que o Brasil fez durante o torneio. A palavra “maior” que aparece, tenta qualificar a atuação do Brasil, em tamanho, como uma das piores. Na terceira oração o jogador Neymar recebe um elogio e tanto. Qualificado como “craque”, o autor ressalta a perda do jogador para a partida contra a Alemanha. Por último o jornalista responsável pela reportagem salienta mais uma vez como a derrota foi impactante para os alemães.

d) Frases, orações ou sentenças aplicadas ao esporte, mas que, no sentido original, remetem a acontecimentos traumáticos.

“A equipe foi **humilhada** pela Alemanha: 7 a 1”

A expressão humilhação mais uma vez foi usada em uma reportagem. Uma palavra que expressa um sentimento de rebaixamento e pode até trazer trauma para uma pessoa.

e) Termos que trazem juízo de valor da equipe de reportagem ou da edição do material

“Maior vexame da história do futebol”

Neste ponto da reportagem o autor abusa do direito de dar a opinião dele, em afirmar que aquela derrota da seleção brasileira para a Alemanha foi uma das mais impactantes da história do futebol. Atribui-se a isso: juízo de valor.

7. Considerações finais

A partir das análises de conteúdo feitas durante todo o trabalho de conclusão de curso e avaliação dos resultados, podemos afirmar que o objetivo da pesquisa foi alcançado. Em cada reportagem publicada no dia oito de julho de 2014, dia em que a seleção brasileira de futebol foi eliminada da Copa do Mundo, dentro de casa, os jornalistas demonstraram muito mais do que a tristeza pela derrota do time canarinho, mas o atual sentimento dos torcedores e apaixonados por futebol.

Durante todo o trabalho passeamos pelas mais diversas áreas do jornalismo online e esportivo. Verificamos que o jornalismo feito na internet continua crescendo e as plataformas de divulgação alcançam cada vez mais os leitores de forma rápida e imediata.

Outro ponto abordado durante a avaliação foi como o jornalismo ainda é dividido em editorias e o preconceito com a cobertura jornalística esportiva ainda existe. Alguns autores ressaltaram e deixaram claro que o bom comunicador, o bom jornalista, é aquele que faz a notícia ser enviada de forma clara e sem ranhuras até o receptor.

Vários jornalistas se consagraram através do esporte, mas foi o mundo do esporte que ganhou jargões, expressões e verdadeiras análises teóricas com o trabalho desses comunicadores.

Em uma competição como a Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil, as operadoras de internet faturaram bilhões de reais, com mensagens, textos e fotos, que rodaram os quatro cantos do planeta. A notícia se dava durante todos os dias, 24 horas. E quando a seleção dona da casa, cinco vezes campeã do mundo, que perdeu uma partida semifinal como foi, seria impossível a informação não repercutir o mais rápido possível.

A Análise de Discurso feita neste trabalho trouxe à tona a presença do jornalista no texto de uma matéria ou reportagem. Nas matérias divulgadas nos

principais portais de informação do Brasil, foi claro como os jornalistas abusaram de expressões que tratassem aquele jogo como sendo a pior apresentação do Brasil na história do futebol mundial.

O torneio, que seria o divisor de águas para torcedores esquecerem o que aconteceu na primeira Copa do Mundo no país, em 1950, onde a seleção perdeu para o Uruguai a final, foi o mais decepcionante. O estádio do Mineirão em Belo Horizonte ficou marcado pelos 7x1 impostos pela seleção da Alemanha, que alguns dias depois se consagraria campeã daquela competição.

Termos como “Vexame”, “Humilhação”, “Tragédia”, “Dor”, foram encontrados durante toda a análise. O início das reportagens, a partir da teoria da pirâmide invertida, pressiona os leitores a fazer uma autocrítica do que a seleção brasileira representa para eles. Amor? Paixão? Fanatismo? Tudo isso se perdeu depois de mais uma derrota em uma partida de Copa do Mundo?

Mas será para tanto, afinal ainda somos o único país do mundo com cinco campeonatos mundiais de futebol.

Por fim é importante analisar a postura do comunicador como incentivador do esporte e principalmente como propagador da notícia clara, sem interferências e ruídos. O amor pela seleção brasileira de futebol não diminui por conta do que foi publicado na mídia. Resultados em cima de resultados trouxeram esta desconfiança por parte do torcedor. A partir desta análise e da linguagem utilizada pelos jornalistas dos portais online, se conclui que houve predominância de expressões pejorativas e o uso abusivo de juízo de valor para descrever um resultado esportivo do dia oito de julho de 2014.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Luiz. *A Objetividade Jornalística*. Porto Alegre – RS: Editora Comunicação VIVA, 1996.

BARBEIRO, Heródoto. *Manual do Jornalismo Esportivo*. São Paulo – SP: Editora Contexto, 2006.

COELHO, Paulo. *Jornalismo Esportivo*. São Paulo – SP: Editora Contexto, 2014.

MEYER, Phillip. *A ética no jornalismo*. São Paulo – SP: Editora Forense Universitária, 1987.

MIELNICZUK, Luciana. *Características e implicações do jornalismo na Web*. Salvador, UFBA, 2001.

PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo: Paradigmas da Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

PINHO, J. B. *Jornalismo na Internet: Planejamento e produção da informação on-line*. São Paulo – SP: Editora Summus Editorial, 2003.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo II*. Volume 2. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

ANEXOS

ANEXO 1

Matéria Terra (08/07/2014)

Surra histórica faz morte do Jogo Bonito ser o de menos

Derrota por 7 a 1 para a Alemanha expôs muito mais do que a morte do chavão Jogo Bonito decretada pelo New York Times horas antes de um vexame sem precedentes na história da Seleção e da Copa do Mundo.

O Brasil nunca tinha perdido, em sua história de 103 atos na Copa do Mundo, uma partida por seis gols de diferença. Havia sofrido cinco gols uma única vez em 1938, quando venceu a Polônia por 6 a 5 após a prorrogação. Maior derrota era um 3 a 0 para a França na final de 1998, que ficou modesto perto dos 7 a 1 sofridos para a Alemanha, no Estádio do Mineirão, nesta terça-feira. Nunca um semifinalista passou tanta vergonha, nunca um dono da casa foi tão humilhado na história de uma Copa do Mundo. No mesmo dia em que o jornal New York Times decretou a morte do Jogo Bonito brasileiro, a surra sem precedentes expôs um cenário que vai muito além de jogar bem ou não.

Durante a derrota por 7 a 1 para a Alemanha, na semifinal da Copa do Mundo, o técnico Felipão foi da apatia à revolta na beira do campo do estádio do Mineirão, em Belo Horizonte; o resultado eliminou o Brasil da final

O impacto que o 2 a 1 sofrido para o Uruguai na final do Mundial de 1950 provocou no futebol nacional hoje é conhecido. O que acontecerá depois do dia 8 de julho de 2014 é incerto. O “Mineiraço” ainda é uma história a ser contada com desdobramentos que se iniciam com a análise de um jogo em que o Brasil foi pior em todos os sentidos do que a Alemanha.

A Seleção teve cinco minutos de algo próximo a um futebol competitivo, na base do abafa, do incentivo da torcida. Foi o tempo suficiente para a Alemanha esfriar o jogo e, sem o menor desespero, começar a colocar em prática exatamente aquilo que o

técnico Joachim Löw tinha planejado. A partir daí o que se viu foi um domínio tático, técnico, psicológico e de todos os aspectos do futebol, o que deixou as mazelas do time brasileiro expostas a um açoite impiedoso dos alemães.

Com a ausência de Neymar, Felipão escalou Bernard para jogar em cima de Höewedes sem nunca ter treinado o time titular por mais de 10 minutos. A Alemanha manteve a mesma equipe que venceu a França nas quartas de final e em nenhum momento do primeiro tempo quando defendia deixou se desfazer a linha de quatro defensores, com Schweinsteiger à frente e outra linha de quatro em sequência. Klose ganhava apenas a companhia de Müller quando o Brasil trocava passes no campo de defesa.

Era impossível visualizar qualquer linha no time brasileiro. Depois do primeiro gol, aos 11min, a Seleção se comportou como se tivesse cinco minutos para empatar. Fechou o olho e passou a tentar atacar desordeiramente, como se nunca tivesse jogado futebol. Foi a senha para a Alemanha enfileirar gols como se brincasse contra um time juvenil.

O primeiro tempo terminou com o Brasil chutando duas bolas no gol. A Alemanha nove. Qualquer outro número é descartável para analisar aquilo que era cristalino a olho nu: A Alemanha estava, no mínimo, sete vezes mais preparada para encarar o Brasil, número que ilustrou o placar final do Mineirão após um segundo tempo protocolar. A Seleção fez 1, mas dois minutos depois ninguém nem lembrava mais que Oscar foi o autor. Apenas da surra sem precedentes na história da Copa.

ANEXO 2

Matéria portal O Globo (08/07/2014)

Brasil é massacrado pela Alemanha e sofre a maior goleada de sua história: 7 a 1

Seleção leva quatro gols em seis minutos no primeiro tempo e perde a chance de disputar o hexa

RIO — O sonho do hexacampeonato se transformou na dor de uma derrota humilhante em apenas seis minutos. Na maior vergonha brasileira na história das Copas, o Brasil foi atropelado pela Alemanha no Mineirão: 7 a 1. A seleção treinada por Joachim Löw dominou a partida e deixou evidente a sua superioridade entre os 23 e os 29 minutos do primeiro tempo, quando os quatro gols marcados transformaram o tímido 1 a 0 no estridente placar de 5 a 0. No segundo tempo, Schürle marcou duas vezes e ampliou o vexame.

— ***Eu só queria poder dar uma alegria ao meu povo, à minha gente, que passa tanto sofrimento.***

Infelizmente, não consegui. Desculpe todo mundo, desculpe a todos os brasileiros. Só queria ver meu povo sorrir. Eles (alemães) foram muito melhores, se prepararam melhor. Fizeram quatro gols em seis minutos. É um dia de muita tristeza e muito aprendizado — disse David Luiz, chorando, ainda no gramado.

O goleiro Júlio César tentou encontrar palavras que o ajudassem a entender o que aconteceu em campo.

— Explicar o inexplicável é muito complicado. Temos que reconhecer o grande futebol alemão, que joga junto há seis anos. Até aqui, estava tudo muito lindo.

MUITOS RECORDES NA PARTIDA

Foi um jogo cercado por recordes e números expressivos. Foi a maior goleada já sofrida pelo Brasil em sua história. Klose fez um gol e chegou aos 16, se isolando no posto de maior artilheiro da história das Copas. Em apenas outras duas ocasiões, uma seleção havia terminado o primeiro tempo derrotada por uma diferença igual ou superior a cinco gols. Pela primeira vez, o Brasil levou seis gols em um jogo de Copa do Mundo. Foi a maior goleada em uma semifinal em toda a história da Copa do Mundo. Nunca, em um Mundial, uma seleção havia marcado quatro gols em um intervalo de apenas seis minutos. A goleada alemã encerrou uma invencibilidade de 42 jogos do Brasil dentro do país.

A seleção de Felipão conseguiu equilibrar a partida por dez minutos. Com Bernard aberto na direita, e Hulk na esquerda, o Brasil marcava na frente e teve a primeira chance logo aos dois minutos, em um chute de Marcelo. Aos 7, no entanto, a Alemanha deu o primeiro sinal: em uma jogada bem tramada no ataque, Khedira bateu de fora da área, mas a bola bateu no companheiro Kroos. Quatro minutos depois, Müller aproveitou um escanteio e, sozinho, abriu o placar. Era só o começo.

GOLEADA IMPIEDOSA

Aos 23 minutos, Fernandinho errou uma antecipação, e a jogada alemã parou em Klose. Júlio César ainda defendeu, mas o atacante marcou no rebote. No minuto seguinte, Kroos bateu de fora da área: 3 a 0. Dois minutos depois, Fernandinho perdeu a bola na entrada da área: outro gol de Kroos. O Brasil não conseguia respirar, jogadores e torcedores estavam atônitos quando veio o quinto, de Khedira.

A Alemanha ainda marcou mais duas vezes no segundo tempo e ampliou o massacre: aos 24 e 34, Schürrle, que entrara no lugar de Klose, escancarou ainda mais a fragilidade brasileira. Aos 44, Oscar marcou, mas não diminuiu em nada a dor brasileira.

BRASIL 1 X 7 ALEMANHA

Local: Mineirão, em Belo Horizonte (MG)

Data/Horário: 08/07/2014, às 17h

Árbitro: Marco Rodríguez (México)

Cartões amarelos: Dante

Cartão vermelho: Não houve

Gols: Müller (11'/1°T), Klose (23'/1°T), Kroos (24'/1°T e 26'/1°T), Khedira (29'/1°T), Schürle (24'/2°T e 34'/2°T) e Oscar (44'/2°T)

BRASIL: Júlio César; Maicon, Dante, David Luiz e Marcelo; Luiz Gustavo e Fernandinho (Paulinho, intervalo); Bernard, Oscar e Hulk (Ramires, intervalo); Fred (Willian, 34'/2°T). Técnico: Luiz Felipe Scolari.

ALEMANHA: Neuer; Lahm, Boateng, Hummels (Mertesacker, intervalo) e Hoewedes; Schweinsteiger e Khedira (Draxler, 31'/°T); Müller, Kroos e Özil; Klose (Schürle, 13'/2°T) Técnico: Joachim Löw.

ANEXO 3

Matéria portal IG (08/07/2014)

Brasil sofre maior vexame de sua história e Mineirazo sepulta o Maracanazo

Blitz alemã em 30 minutos acaba com sonho do sexto título mundial do Brasil na sua maior derrota em 100 anos

Esta geração de brasileiros não viu o Maracanazo. Mas presenciou o maior vexame da história da seleção brasileira. Não há outra definição para o passeio sofrido dentro de casa para a Alemanha nesta terça-feira, na semifinal da Copa do Mundo, no Mineirão, em Belo Horizonte: 7 a 1. Uma das maiores goleadas já sofridas pelo Brasil na história. Antes, havia tomado 7 a 2 da Itália, em 1919, 8 a 4 da Iugoslávia, em 1934, e 6 a 0 do Uruguai, em 1920.

E isso num Mundial jogado em casa. E no ano em que a seleção brasileira celebra 100 anos de existência. Nada poderá ser mais vergonhoso em outros 100.

Os registros históricos desse 8 de julho trarão para as gerações futuras a dimensão de que o que foi visto nos 30 minutos iniciais da partida foi algo que esteve longe de parecer um jogo entre as seleções que mais estiveram em Copas do Mundo.

A humilhação escancara uma preparação ruim, um time que foi montado em cima do seu maior craque e que na primeira vez em que não contou com ele num jogo importante nos últimos quatro anos sucumbiu à seleção que bateu o recorde de presenças em semifinais seguidas em Copas: 4.

O Brasil joga em clima de velório a disputa pelo terceiro lugar contra quem perder entre Argentina e Holanda, nesta quarta-feira, em São Paulo. A Alemanha fará a final e tentará seu quarto título mundial no domingo, no Maracanã.

O primeiro gol, numa falha de toda a defesa, veio aos 10 minutos. Thomas Muller marcou seu quinto gol no Mundial, décimo em Copas. A pane estava instalada. Aos 14, a torcida que se acostumou a gritar “Eu Acredito” nos jogos do Atlético-MG na campanha da Libertadores de 2013 adotou o mesmo canto. Talvez o sinal mais claro do tamanho do desespero diante de tanta superioridade alemã.

Neymar não estava lá para ser a saída para um momento de desespero. Estava Bernard, que de alegria nas pernas, como gosta de dizer Felipão, passou longe. O gol colocou o time em parafuso, e em 20 minutos o placar da humilhação já estava decretado. Klose, aos 23, superou Ronaldo como o maior artilheiro da história das Copas com 16 gols. Aos 24, foi a vez de Kroos aumentar. Um minuto depois, ele também fez o quarto e Khedira colocou a pá de cal aos 29. Apagão.

A partir dali a Alemanha tirou o pé. Não se esforçou para ampliar o vexame do rival. Apenas duas seleções haviam ido para o vestiário com cinco gols sofridos na história do Mundiais: Zaire e Haiti, em 1974. Esta foi a maior derrota da história da seleção numa Copa do Mundo. Supera a da final de 1998, quando sofreu 3 a 0 para a França na final em Saint Denis. O Brasil, presente em todas 20 edições, sofreu menos de cinco gols na campanha inteira de 11 das Copas disputadas.

Felipão, atônito, não fez nada para mudar o cenário da tragédia. Trocou no intervalo apostando em não levar mais. No segundo tempo, a torcida que ficou no estádio (muitos brasileiros já haviam ido embora) elegeu Fred como o grande vilão. Vaiou-o no seu primeiro toque e quando foi substituído aos 25 minutos, por Willian. Neuer já havia feito defesas impressionantes para evitar o gol de honra do Brasil. Mas não havia honra a ser defendida.

O Brasil foi humilhado e a torcida reconheceu. Cantou olé, num misto de ironia e satisfação de ver a história diante de seus olhos, depois do sexto gol, marcado por Schürrle. Depois do sétimo, também de Schürrle, a torcida brasileira não encontrou meios para reverenciar os alemães. E aplaudiu de pé. Os torcedores alemães, concentrados num canto superior do Mineirão, cantavam e cantavam. “Rio de Janeiro, Rio de Janeiro!” Eles vão à final. Cantaram “Brasil, Brasil” também, em claro sinal de fair play.

O Brasil tentará curar as feridas longe do Maracanã, no Mané Garrincha. Nem o gol de Oscar, que ao menos não deixou o placar zerado para os brasileiros, foi suficiente para diminuir a vergonha. A maior da história da “Amarelinha”.

FICHA TÉCNICA – BRASIL 1 x 7 ALEMANHA

Local: Mineirão, em Belo Horizonte

Data: 8 de julho de 2014, terça-feira

Árbitro: Marco Rodríguez (MEX)

Assistentes: Marvin Torrentera e Marcos Quintero, ambos do México

Gols: Thomas Muller, aos 10 e Miroslav Klose aos 22, Kroos aos 24 e 26 e Khedira aos 29 minutos do 1º tempo. André Schürle aos 24 e 33 do 2º tempo. Oscar, aos 45 do 2º tempo

Público: 58.141 presentes.

Brasil: Julio Cesar; Maicon, Dante, David Luiz e Marcelo; Luiz Gustavo, Fernandinho (Paulinho, no intervalo) e Oscar; Bernard, Hulk (Ramires, no intervalo) e Fred (aos 25 do 2º tempo).

Técnico: Luiz Felipe Scolari

Alemanha: Neuer; Lahm, Boateng, Hummels (Mertesacker, no intervalo) e Höwedes; Khedira (Draxler aos 32 do 2º tempo), Schweinsteiger, Kroos e Ozil; Muller e Klose (Schürle, aos 14 do 2º tempo)

Técnico: Joachim Löw

ANEXO 4

Matéria portal da UOL (08/07/2014)

Maior vexame da história do futebol brasileiro coloca Alemanha na decisão

Foram 64 anos de espera. Durante cinco jogos, a seleção brasileira fez seu papel - com futebol bonito ou não, alcançou as semifinais. Perdeu seu craque nas quartas de final, Neymar. E entrou com a camisa dele em campo, como se mostrasse que jogaria pelo atacante, que a usaria como motivação. Mas o Brasil conseguiu permanecer no gramado do Mineirão, nesta terça-feira (8), por exatos 9 minutos sem levar um gol. A partir daquele instante, se iniciou o maior vexame da história do futebol brasileiro. A pior derrota do selecionado nos seus 100 anos de história. Em casa, na Copa que tinha como objetivo claro o término da maldição de 1950, a equipe foi humilhada pela Alemanha: 7 a 1. Gol brasileiro só de Oscar, bem no final do jogo, como consolação.

Quem diria que aquele vice mundial sofrido após gols de Schiaffino e Ghiggia para o Uruguai, em 1950, seguirá como o melhor resultado da seleção brasileira em Copas disputadas em casa. No próximo sábado, no clima mais melancólico possível, o Brasil entrará em campo em Brasília para a disputa do 3º lugar. Aos alemães, a final. Da forma mais merecida possível. Incontestável. Humilhante para os donos da casa.

Fases do jogo: A seleção jogou por nove minutos. Foi o tempo que a Alemanha demorou para descobrir que não teria adversário na semifinal da Copa do Mundo. Quando Thomas Müller, livre dentro da área em escanteio, tocou para o gol, ficou claro que a seleção brasileira não seria capaz de parar ninguém que conseguisse entrar em sua área. Foi simbólico: o principal artilheiro do rival livre, sozinho, no local mais perigoso de um campo. Treze minutos depois, quando Klose pegou rebote de seu próprio chute, e nenhum defensor brasileiro esboçou reação, começava a maior goleada sofrida pelo Brasil na história, e os seis minutos mais desesperadores do futebol brasileiro em todos os tempos.

Daquele gol de Klose ao de Khedira, aos 29 minutos, por quatro vezes a Alemanha conseguiu entrar na área brasileira e tocar para o gol de Júlio César sem dificuldade

alguma. Toni Kroos fez os outros dois, para pela primeira vez em Copas o Brasil levar cinco gols no primeiro tempo de um jogo.

Deste ponto até o intervalo, era como se o jogo já tivesse acabado. A Alemanha voltou a tocar a bola em velocidade, como havia feito nos cinco jogos anteriores da Copa, e o Brasil não sabia o que fazer. Como parar aquele time que entrava para a história? Não com a apatia dos jogadores em campo. Não com Bernard, que substituiu muito mal a Neymar. Não com a defesa, completamente perdida sem seu capitão Thiago Silva – não que sua presença fosse mudar algo.

No segundo tempo, mais dois, como se brincasse, com Schürrle. Sem dificuldades, a Alemanha desperdiçou chances como se não quisesse marcar. Aos 45 minutos, Oscar fez o que chama de "gol de honra". Talvez a única palavra que não possa ser usada para descrever o que o Brasil teve nesta terça.

O melhor: Joachim Löw - O técnico alemão colocou seu time de forma muito mais ofensiva do que vinha jogando até então - mesmo após ser bastante elogiado pelo estilo de jogo. Com Klose no ataque, não esmoreceu nem quando abriu 3 a 0. Mais do que isso: anotou quatro gols em seis minutos, entre os 22 min. e os 29 min. do 1ºt. As trocas que fez foram já pensando na decisão contra Argentina ou Holanda, no próximo domingo. Depois do quinto gol, fez sua seleção voltar ao estilo anterior: tocou a bola tranquilamente, só esperando o Brasil possibilitar novas brechas para lances perigosos. E elas aconteceram. Se alguém foi o principal responsável pela criação do time que humilhou a seleção, esse é o técnico que levou ao auge um time que é trabalhado há oito anos, desde o 3º lugar na Copa de 2006, em casa.

O pior: Luiz Felipe Scolari - O técnico da seleção brasileira teve três dias de treino para descobrir quem substituiria Neymar no ataque da seleção. Muito se falou sobre a entrada de Willian, no meio: não ocorreu; foi treinada a escalação com três volantes, com Paulinho, Fernandinho e Luiz Gustavo: também não - e talvez fosse a melhor opção, como as falhas da defesa mostraram. O escolhido foi Bernard, que entrou na mesma função que Neymar. A tática se manteve e nada produziu. Quando o Brasil tomou o segundo gol e até o fim do primeiro tempo, o técnico optou por não

alterar o time. Só foi fazer no intervalo. Mas ficou preso em uma tática que a Alemanha mostrou saber perfeitamente como destruir.

Chave do jogo: A vontade alemã, que jamais pareceu passar. É comum se dizer que o maior respeito que um time pode mostrar é continuar atacando em vez de brincar com a bola, humilhando seu adversário sem ser com gols, a Alemanha levou essa ideia a outro nível. Se do outro lado havia um time que nada fazia, por que não atacar e marcar o máximo possível? Foi o que a Alemanha fez, para entrar na história das Copas e do futebol.

Toque dos técnicos: O Brasil não alterou seu estilo de jogo mesmo após levar cinco gols no primeiro tempo. Entre o primeiro e o segundo foram 13 minutos - normal nada ser feito durante um placar adverso que parecia simples. Porém, entre o segundo e o quinto, foram três gols. Em nenhum momento Luiz Felipe Scolari parou o jogo com uma substituição. Mesmo que não mudasse o caminho que a partida já mostrava, poderia ter diminuído o ímpeto alemão. A ausência do toque do técnico brasileiro terminou na maior goleada sofrida pela seleção na história.

Para lembrar:

A maior goleada sofrida pelo Brasil em qualquer jogo era, até esta terça, um 6 a 0 sofrido para o Uruguai na Copa América de 1920, disputado no Chile. A última derrota em casa do Brasil em jogo oficial havia sido também no Mineirão, em 1975, para o Peru: 3 a 1 na Copa América.

Em Copas, a maior goleada ainda é a da Hungria sobre El Salvador, em 1982: 10 a 1. Em semifinais, era 6 a 1, feitos por Uruguai (sobre a Iugoslávia, em 1930), Argentina (sobre os EUA, em 1930), e Alemanha (sobre a Áustria, em 1954).

Torcedores brasileiros que pagaram até R\$ 1.320 (preço do melhor setor do estádio) para acompanhar a semifinal entre Brasil e Alemanha começaram a deixar o Mineirão logo após o 3º gol alemão, feito por Toni Kroos, aos 24 minutos de jogo - quem deixou o estádio exatamente nesse minuto pagou R\$ 55 para cada minuto visto.

A última seleção a anotar cinco gols em uma semifinal de Copa havia sido o Brasil, em 1958, no triunfo por 5 a 2 sobre a França, um jogo antes daquele que deu o primeiro título mundial à seleção.

Não aconteceu, mas se o Brasil tivesse conseguido o milagre, teria alcançado a maior vitória da história das Copas. A marca pertence a Portugal, que ganhou de 5 a 3 da Coreia do Norte em 1966 após sair perdendo por 3 a 0.

BRASIL 1 X 7 ALEMANHA

Data: 8 de julho de 2014

Horário: 17h00 (de Brasília)

Local: Mineirão, em Belo Horizonte (MG)

Árbitro: Marco Rodriguez (MEX)

Assistentes: Marvin Torrentera (MEX) e Marcos Quinteto (MEX)

Cartões amarelos: Dante, aos 22 min. do 2ºt (BRA)

Gols: Müller, aos 9 min., Klose, aos 22 min., Kroos, aos 24 min. e aos 25 min., e Khedira, aos 29 min. do 1ºt; Schürrle, aos 23 min. e aos 33 min. do 2ºt (ALE). Oscar, aos 45min do 2º tempo

BRASIL: Júlio César; Maicon, David Luiz, Dante e Marcelo; Luiz Gustavo, Fernandinho (Paulinho, no intervalo) e Oscar; Hulk (Ramires, no intervalo), Bernard e Fred (Willian, aos 23 min. do 2ºt)

Técnico: Luiz Felipe Scolari

ALEMANHA: Neuer; Lahm, Boateng, Hummels (Mertesacker, no intervalo) e Höwedes; Schweinsteiger, Khedira (Draxler, aos 31 min. do 2ºt), Kroos e Özil; Müller e Klose (Schürrle, aos 12 min. do 2ºt)

Técnico: Joachim Löw